

## EDUCAÇÃO, MEDITAÇÃO E AUTOCONHECIMENTO: SOBRE TECER COMO ENTRETECERMO-NOS

*Alexsandro da Silva Marques  
Sahmaroni Rodrigues de Olinda  
Suelândia Moreira Franco*

### **Introdução**

Quando discutimos a educação no cenário atual é imprescindível a reflexão de algumas categorias que a permeiam. Nesse sentido, é preciso problematizar nossa relação com o saber e o fazer, teoria e prática, pois uma e outra estão imbricadas. A prática do educador está envolta em uma dimensão de boniteza como nos diz Freire (1996), em uma relação de dimensão estética, pois somos seres inconclusos que temos a possibilidade de nos construir, de buscar, de ressignificar e de criarmos novas possibilidades com/no mundo e com as nossas atitudes de educadores. Movidos pela força desejante, a prática do educador deve a todo instante alimentar-se do sonho, da seriedade e de sua simplicidade, pois é no desencantamento do mundo e da não problematização que nos vestimos dos discursos fatalistas e de passividade.

É pensando uma educação que possa promover não apenas a transmissão dos saberes constituídos ao longo da história, mas uma cultura que permita compreender nossa condição, nos ajudando a viver no mundo e com o mundo, de modo a promover um pensamento aberto e livre. Nossa formação requer uma reflexão das práticas educativas emancipadoras a fim de promover a autonomia dos educandos. Mas, como sermos autônomos? É na dimensão ética do ser humano, sua inconclusão e sua “curiosidade epistemológica” que

podem nos fornecer bases para uma relação autônoma com o conhecimento.

A ética é a responsabilidade que se impõe de um “eu” com um “outro eu” na dimensão da boa convivência, pois ao perceber que estamos nos construindo a todo instante e a valorar, decidir, romper, nos damos conta da nossa possibilidade de criação. Este movimento de construção constante mostra-se visível quando nos inteiramos da historicidade e de suas modificações, conforme nossas atitudes e nossos posicionamentos. É preciso cautela ao perceber a historicidade e não cairmos em um olhar míope de fatalismo perante a história, quando a mesma nos prova o contrário.

A inconclusão é a possibilidade que temos de saber que não somos uma conclusão, e sim uma abertura constante. Vamos nos dando conta de que é preciso exercer uma ação de abertura perante a muralha que nos envolve, e assim criarmos sentidos e preenchimentos a estas lacunas que se abrem em nosso ser. Somos levados a uma curiosidade perante o abismo que está sob nossos pés, mas ao mesmo tempo, abre uma infinidade de percepções do que somos e do mundo que extrapola a morbidez dos nossos medos.

A curiosidade que em primeiro momento pode ser ingênua, como aponta Freire (1996), pode ser descompromissada, mas aos poucos vai gerando uma capacidade constante de conhecer e envolver-se com o que chega à sua percepção. Quem está a observar não age como simples objeto. Ele se diferencia, percebe-se diferente da coisa e vê-se como sujeito do ato de observar, de fazer e buscar. É no momento da “curiosidade epistemológica” que chegamos ao movimento de criticidade que se exerce na capacidade de aprender.

Estas proposições no pensamento de Paulo Freire (1996) nos levam a compreender sua rigorosidade ética pe-





rante as injustiças e opressões. Pois neste sentido nunca se manteve omissivo. Seu olhar é diferente de alguém que observa imparcialmente. Não há seguranças eternas nos fatos e nos acontecimentos que nos circundam e daí ser um pensador crítico ao sistema neoliberal e ao cinismo que gera de suas teias permeando a fatalidade de muitos discursos e práticas docentes. Pois o neoliberalismo, com seus tentáculos, tentou matar os sonhos e a utopia necessários a uma problematização do futuro e do momento atual. A ideologia fatalista tenta adaptar o educando a uma realidade passiva e de não mudança. Tenta nos anestésiar e nos mutilar em cadáveres andantes e repetidores sonoros de “tudo é assim”, “nada vai mudar”.

Não podemos fugir de nossa convocação ontológica de intervenção no mundo. Se rejeitamos esta ação, então nos colocamos em movimento afastado da dimensão ética e do compromisso de responsabilidade com o mundo e o outro. A partir da consciência que é constituída de presença no mundo é que não podemos fugir de nossa condição. Somos permeados por todas as situações alheias a nós, mas não somos apenas seres que nos adaptamos ao alheio, inserimo-nos nele, refazemo-nos, criamo-nos e recriamo-nos. Assim, agimos como sujeitos da história, e não apenas meros objetos formatados, passivos, mórbidos e raquíticos.

Neste sentido, o presente trabalho, em um primeiro momento, busca apresentar o que é o Projeto de extensão Tecelendo, de que lugar ele fala e quem são os sujeitos que participam de suas atividades. Em um segundo momento é apresentada uma das oficinas que funcionam no referido projeto. Nesta oficina buscamos refletir sobre nossa atuação buscando nas reflexões de Paulo Freire contribuições para pensar o ser humano em sua inconclusão e o papel da educação.

## Projeto de Extensão Tecelendo: Educação Tecida a Várias Mãos

O Tecelendo<sup>1</sup> é um projeto de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, e tem como um de seus princípios a alfabetização de jovens, adultos e idosos que não tiveram a oportunidade de estudar no período indicado pela escola formal. O referido projeto está pautado na perspectiva da leitura de mundo e alicerçado no trabalho como princípio educativo. Nesse sentido, utiliza a tecelagem como possibilidade de geração de renda e ainda situações provocadoras que permitam aos estudantes interiorizarem o que aprendem na leitura e na escrita, de modo que esses se percebam na sociedade em que vivem e atuem nela de forma crítica.

Desde 2008, formou-se uma equipe com a coordenadora do projeto, duas estudantes bolsistas de Pedagogia e uma turma de alfabetização, num total de dez pessoas envolvidas. Atualmente o Tecelendo conta com uma equipe composta pelas coordenadoras gerais, vice-coordenadora, coordenadora pedagógica, nove estudantes de graduação (sendo sete bolsistas e dois voluntários) e cerca de 50 estudantes divididos entre oficinas e o grupo de estudos preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, totalizando 62 pessoas envolvidas diretamente. Além disso, contamos com a participação de professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, trabalhando na formação continuada da equipe para atender as demandas do dia a dia.

---

<sup>1</sup> O Tecelendo surgiu no ano de 2008 quando foi contemplado com dois editais: Mec/Proext/2008 e MEC/MINC/Proext/2008, com execução no de 2009. Ao longo dos trabalhos o Tecelendo foi contemplado ainda com mais três editais: MEC/Proext/2009, MEC/Proext/2012 e mais recentemente MEC/Proext/2013. Além de Projeto de Extensão, o Tecelendo vem também ao longo dos anos se constituindo como projeto de pesquisa e também lócus desses trabalhos. Atualmente temos um projeto concluído e apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), três subprojetos de graduação em andamento e um de doutoramento.





Durante os três anos de existência, o projeto Tecelendo atendeu cerca de 170 pessoas diretamente e 200 pessoas de forma indireta. A centralidade metodológica do trabalho a que se propõe é a ação-reflexão-ação, compreendendo que as etapas do projeto respeitarão a construção histórica da caminhada dos sujeitos envolvidos no mesmo.

Analisando nossa atuação entre os anos de 2009 e 2010, percebemos – durante as execuções das atividades, propostas de acordo com a percepção que tínhamos das turmas – que muitos dos participantes das nossas atividades apresentavam algum tipo de desmotivação. Muitos estudantes relatavam passar por problemas psicológicos que envolviam sintomas depressivos, fobias. As emoções relatadas pelos sujeitos eram nitidamente expressas nos momentos em que nós educadores planejávamos alguma atividade que exigia uma ação mais direta do estudante. Os educandos apresentavam acanhamento ao desenvolverem trabalhos em grupo, como o retraimento ao participar de um momento de discussão de temas que perpassavam o próprio cotidiano.

Muitos educandos chegam ao Projeto Tecelendo com um propósito: aprender uma atividade nova, ler, escrever e a tecer. Neste sentido, entendendo esse tecer educativo que construímos apostamos na questão da afetividade como algo que deve se fazer presente neste processo de alfabetização/educação. Destacamos isso, pois ainda que não se negue que em toda prática educativa há uma relação de afeto, as instituições educativas, grosso modo, procuram robotizar e vestir as armaduras de um ser impessoal que apenas está a executar uma tarefa. Alfabetizar parece ser algo técnico, frio, neutro.

Os homens e mulheres que chegam aos espaços escolares vêm de situações de exclusão, inclusive afetiva, vestindo a imagem de que fracassaram e de que a responsabilidade pelo

fracasso é deles e delas. Há muitos lutando por condições mais dignas e de respeito ao se perceberem em situações subumanas.

Na vida cotidiana, a afetividade é robotizada pela dureza da nossa corrida excludente pelo “quem consome mais”, nos colocando constantemente na situação daquele que deve sempre eliminar um concorrente. Solidarizar-se com o(a) outro(a) seria fraqueza, em nosso modelo hegemônico societal.

Desta forma, tendo em mente os objetivos do projeto, buscamos desenvolver e planejar a oficina de meditação como possibilidade de aliarmos a alfabetização não como momento de escrita de símbolos. Entendemos a importância significativa deste ato, porém, nosso intuito era dar ênfase ao momento dialógico com o(a) outro(a), de constituir-se junto e necessariamente deste(a).

### **Oficina de “Meditação: Desvelando o Cotidiano”<sup>2</sup>**

Ao iniciarmos a oficina, ficamos bastante inseguros com o planejamento e o andamento das atividades da oficina, não tínhamos ideia de qual seriam as reações dos estudantes, de como eles reagiriam e muito menos como daríamos conta das várias situações que poderiam surgir no decorrer das atividades.

Algumas vezes tivemos que mudar todo o planejamento na última hora, pois percebíamos os educandos muito tensos, sem predisposição para o diálogo, muito fechados em seus silêncios. Nesse momento tentávamos aumentar o tempo de relaxamento, alternando entre massagens nas mãos e nos pés com óleos essenciais. Não tínhamos ideia se o resultado seria

---

<sup>2</sup> Esta oficina foi desenvolvida por Alexandro Marques entre março e junho de 2011 e mesmo período no ano de 2012. Foi criada a partir da percepção que o executante teve dos educando(a)s e dos relatos de alguns com problemas psicológicos, traumas, medos, depressão e o modo como isso interferia na alfabetização. Também foram utilizadas as reflexões de Chopra (1989).





positivo ou não, mas sempre procurávamos fazer com que o grupo estivesse relaxado e concentrado, para darmos prosseguimento as posteriores reflexões acerca do que estavam sentindo ao chegarem ao projeto.

A oficina teve uma carga horária de dezoito horas, distribuída em duas horas por semana. Buscamos trabalhar a reflexão e a discussão do cotidiano a partir da sensibilidade através dos cheiros, cores, sons, toques e imagens, utilizando assim os cinco sentidos: tato, olfato, paladar, audição e visão. A metodologia utilizada consistia em um momento de relaxamento com sons suaves, e óleos essenciais como forma de estimular a sensibilidade. No término das atividades aconteciam os diálogos de socialização da experiência sentida.

Buscamos, juntamente com os educandos, entender como representamos e percebemos a realidade. Pois nós, educadores, não estamos isolados de nossas próprias práticas, e ao propor uma atividade educativa, somos envolvidos também pelas circunstâncias e emoções na relação dialógica com o outro.

No planejamento da oficina de “Meditação e reflexão: desvelando o cotidiano”, buscamos o entrelaçamento da alfabetização e da meditação. Através da reflexão de nossas vidas, procuramos entender como lidamos com as adversidades que nos assolam, sejam elas doenças, preocupações cotidianas como medo, dor, angústia e trabalhá-los a partir da meditação.

Entendemos também o momento da meditação como elemento essencial de relaxamento e estimulante natural que contribui para superar os estresses do cotidiano. Além de estudos médicos indicarem que a prática desta atividade proporciona a redução da pressão arterial, auxilia também na superação de depressões, o que traz grandes benefícios para a saúde física e mental.

Desta forma, destacamos umas das muitas aulas significativas como forma de ilustrar nossa prática. Ao trabalhamos



com a escuta de algumas músicas clássicas como: Quatro Estações de Vivaldi, Para Elisa de Beethoven, Concerto para Piano e Orquestra de Mozart e Mantras indianos, entre outras, afim de perceber quais sentimentos cada música despertaria nos educandos. Uma das alunas participante da oficina nos surpreendeu com sua reação, pois nunca havia escutado músicas clássicas e ao ter esse contato se emocionou muito, chegando a quase a cantarolar como se estivesse em transe.

Foi um momento especial da oficina, pois percebemos que em meio ao embrutecimento causado por este sistema capitalista cruel e desumano no qual vivemos, a sensibilidade humana persiste e continua bem viva dentro de nós, basta que consigamos tocá-la, despertá-la, muitas vezes através de um trabalho simples que consiste em acreditar no ser humano. Segundo Paulo Freire

[...] E o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo (FREIRE, 1987, p.10).

É importante ressaltar que no início das aulas buscávamos trabalhar o exercício da respiração, o qual permite aos alunos relaxar, ou seja, diminuir a ansiedade e os estados agitados devido as atividade fora do projeto, e assim inicializar as atividades programadas para a oficina despertando a concentração dos sujeitos envolvidos.

A partir destas ações, podemos levantar algumas reflexões necessárias, em diálogo com outro(a)s que refletiram sobre o processo educativo. Freire (1996) levanta algumas questões que envolvem a docência e todas suas ramificações em tal ofício. Ofício que exige seriedade e respeito com a prática enquanto docente, com o discente, com o conhecimen-





to e a nossa curiosidade e criticidade perante aos contextos e desigualdades, pois estamos em uma relação que se expressa na necessidade de uma ética. Por sermos seres éticos necessitamos pensar nossas atitudes e relações que desenvolvemos com o mundo.

Faz-se necessário a problematização da relação educador / educando e a atitude formativa provocada por tal relação. É preciso que desde o início tenhamos claro que quem ensina está a ‘formar’ alguém e ao mesmo tempo forma-se e reforma-se. A atitude do educador é um movimento de construção em uma relação “recíproca” que, quem exerce essa função não é o tempo todo sujeito da ação de ensinar e o educando, aprendente, mesmo estando em uma relação de formação perante a mesma, também ensina. O educando não está apenas em uma relação de objeto e de atitude passiva perante o saber, neste sentido tem uma relação com o conhecimento de ressignificação e uma função ativa de produção do mesmo. O ensinar é visto não mais como transferência de conhecimentos, mas como possibilidade que cria diversas perspectivas de construções de saber.

Porém na construção do saber é preciso que faça parte das tarefas do educador ao trabalhar com os educandos, a importância da rigorosidade metódica. É esse momento que propiciará a aproximação com os objetos cognoscíveis. Os conteúdos, os saberes e a necessidade do pensar certo consistem na abertura da reformulação dos conteúdos existentes e a produção de novos conhecimentos. Neste sentido:

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico

se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador (FREIRE, 1996, p.29).

O educador precisa estar em constante revitalização de suas atitudes pedagógicas e de ensino, por isto, é necessário a relação pesquisa e ensino de mãos dadas para haver uma boa prática. É preciso ressaltar a necessidade da intimidade que deve ocorrer entre os saberes curriculares que são fundamentais aos educandos com a experiência social que os mesmos possuem em sua individualidade.

É sabido que todos nós possuímos algum tipo de curiosidade e inquietação frente ao nosso cotidiano. A esta inquietação, Paulo Freire (1996) a chama de “curiosidade ingênua” a qual inicialmente está demarcada por pré-conceitos, noções de mundo associada ao saber do senso comum. Em movimento de criticidade, a curiosidade ingênua, vai se tornando próxima do objeto que pretende conhecer, não apenas se familiarizando, mas recriando, reformulando e cada vez mais metodicamente como exige o pensar certo, se tornando em “curiosidade epistemológica”.

Sabemos que a caminhada da ingenuidade para a criticidade não é dada de maneira rápida. A prática educativa deverá desenvolver constantemente a curiosidade crítica, insatisfeita ao que se desvela diante de si e indócil. É preciso que permaneça viva nossa força inquietante que nunca naturaliza o mundo como algo determinado, é preciso que tenhamos sempre em mãos nossa incompletude e percepção de estar sendo algo a se transformar diariamente. Segundo Freire:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante





do fenômeno vital. Não haveria criticidade sem a curiosidade que nos promove e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 1996, p.33).

Por isso, a prática educativa é para Freire um “testemunho rigoroso de decência e de pureza”. É uma relação de postura, de assumirmos nossos atos e mudanças que se manifestam em nossas práticas educativas e na relação com os educandos. Não posso desdizer o lugar do qual anteriormente atuei como testemunha de minha prática, ensinar é assumir-se perante nosso exemplo tanto em palavras como em ação.

### **(In)Conclusão**

Antes de concluirmos é preciso voltar à questão referente ao “pensar certo”. A prática docente deve a todo momento ser crítica e possibilitar o envolvimento dinâmico da “dialética entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Em uma relação crítica sobre a prática anterior é que podemos melhorar a prática atual ou vindoura. Nesse sentido, não se desqualifica a teoria e supervaloriza a prática, ao contrário, o discurso teórico é expresso como algo concreto que se confunda com a própria prática.

Uma das tarefas importante da prática educativa crítica é a criação de condições em que os educandos ensaiam uns com os outros a experiência de assumir-se. Pois conhecer é praticar. É conhecendo sua realidade e repensando sobre seu contexto, que através da atitude crítica e problematizadora nos assumimos como seres históricos, sociais, transformadores e pensantes.

A existência como a escrevemos no limiar da vida que se condiciona, está envolta na invenção da linguagem, cultura

e signos em sua mais alta expressão de beleza, mas também envoltos em uma capacidade destrutiva, exploratória e dizimadora também parte de nossa constituição enquanto seres. Todos estes movimentos possibilitaram a inserção do homem como seres éticos.

O Tecelendo nos proporciona experiências bem significativas no que diz respeito às relações humanas. Percebemos o outro não simplesmente como coisas ou como corpos estranhos que preenchem uma sala em que o professor estabelece um contato envidraçado com seus alunos. Ao contrário, na relação efetiva entre educador e educando nos espaços do Tecelendo sentimos uma emoção que é transversal em nossas práticas educativas.

Fica visível nos perfis dos educandos que chegam às mediações do projeto seus olhares de cansados ou desiludidos, nossos olhares também muitas vezes se confundem com os deles, mas no fundo de tais olhares existem chamadas de esperança. Esperanças que não se fazem de promessas que não podem se realizar, mas de concretude, por isto acreditam na possibilidade de reaprender a ler o mundo, mesmo que em dado momento de suas vidas esta possibilidade tenha sido negada.

Nossa presença no mundo nos dá o reconhecimento da impossibilidade de ausência na construção da própria presença. É sendo seres inacabados que nos relacionamos com os outros e nos transformamos, não há como nos isolarmos. Neste sentido, isso seria uma transgressão ética para Paulo Freire (1996). Pois renunciar a responsabilidade ética de intervenção é recusar a própria vocação ontológica que é constituinte no ser humano, sua capacidade de relacionar-se com o outro ético, político e social. E assim nos vemos não como objetos, mas sujeitos da ação e da história.





## Referências Bibliográficas

CHOPRA, Deepak. *A cura quântica: o poder da mente e da consciência na busca da saúde integral*. Tradução de MASSARO, Evelyn Kay e BRITO, Marcília. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989.

FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.